
**VÍDEOETNOPOESIAS COMO NARRATIVAS DE *SENTIRPENSAR* E PRODUZIR
MEMÓRIAS: O CACICADO DE ERONILDES FIRMIN KAMBEBA**

**VIDEOETNOPOETRY AS NARRATIVES TO FEEL THINKING AND PRODUCE MEMORIES:
THE CACICADO OF ERONILDES FIRMIN KAMBEBA**

**VÍDEOETNOPOESÍA COMO NARRATIVAS DE SENTIMIENTOSPENSAR Y PRODUCIR
RECUERDOS: EL CACICADO DE ERONILDES FIRMIN KAMBEBA**

Eglê Betânia Portela Wanzeler¹
Brener Neves Silva²
Eronilde Firmin Omágua Kambeba³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a jornada heroica da indígena Kambeba Eronildes Firmin, a Eroka Omágua/Kambeba, em tornar-se cacica de seu povo. A videoetnopoesia, proposta metodológica e epistemológica deste estudo, fundamenta-se na antropologia poética de Hübert Fitch e seu conceito de etnopoesia, que significa, no campo do vídeo-pesquisa, uma possibilidade de aproximação entre a linguagem científica e a linguagem ancestral. A cacica Eroka, protagonista deste artigo, nos narra sua história em torno de seu cacicado a partir de suas vivências e experiências de luta em torno do reconhecimento de seu povo, suas histórias e seus direitos. A narrativa foi transcrita a partir do documentário *Cacica Eronilde Kambeba - Mulheres Cientistas na Pandemia no Amazonas*. O artigo não é apenas uma transcrição de sua narrativa, mas é, fundamentalmente, uma tradução de sons, imagens, sonhos, desejos e potências de reexistir, reinventar e de reafirmação de si, do outro e da vida.

PALAVRAS-CHAVE: Vídeoetnopoesia. Audiovisual. Memória. Colonialidade.

ABSTRACT

This article aims to present the heroic journey of the indigenous Kambeba Eronildes Firmin, Eroka Omagua/Kambeba, in becoming chief of her people. Videoethnopoetry, the methodological and epistemological proposal of this study, is based on the poetic anthropology of Hübert Fitch and his concept of ethnopoetry, which means, in the field of video research, a possibility of approximation between scientific language and ancestral language. Chief Eroka, the protagonist of this article, tells us her story from her experiences and struggles around the recognition of her people, their stories and their rights. The narrative was transcribed from the documentary *Cacica Eronilde Kambeba - Women Scientists in the Pandemic in Amazonas*. The article is not just a transcription of her narrative, but is, fundamentally, a translation of sounds, images, dreams, desires and powers of re-existing, reinventing and reaffirming oneself, the other and life.

Submetido em: 29/06/2023 – **Aceito em:** 26/07/2023 – **Publicado em:** 04/08/2023

¹ Professora de História da Educação da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Graduada em História. Mestra em Natureza e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Doutora em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Líder do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação (Lepete).

² Doutorando em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense (PPGCINE/UFF), Mestre em Cinema e Audiovisual pela UFF e graduado em Produção Audiovisual pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

³ Membro do Povo Omágua/Kambeba. Possui graduação em Pedagogia Intercultural Indígena pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Mestranda em Linguística e Línguas Indígenas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É professora do Ensino Fundamental na Escola Municipal Indígena Kambeba Waynambi.



KEYWORDS: Videoethnopoetry. Audiovisual. Memory. Coloniality.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo presentar el viaje heroico de la indígena Kambeba Eronildes Firmin, Eroka Omagua/Kambeba, al convertirse en jefe de su pueblo. La videoetnopoésía, propuesta metodológica y epistemológica de este estudio, se fundamenta en la antropología poética de Hübner Fische y su concepto de etnopoésía, lo que significa, en el campo de la videoinvestigación, una posibilidad de aproximación entre el lenguaje científico y el lenguaje ancestral. La jefa Eroka, protagonista de este artículo, nos cuenta su historia desde sus vivencias y luchas en torno al reconocimiento de su pueblo, sus historias y sus derechos. La narración fue transcrita del documental *Cacica Eronilde Kambeba - Mujeres Científicas en la Pandemia en Amazonas*. El artículo no es solo una transcripción de su narrativa, sino que es, fundamentalmente, una traducción de sonidos, imágenes, sueños, deseos y poderes de reexistir, reinventarse y reafirmarse a sí mismo, al otro y a la vida.

PALABRAS CLAVE: Videoetnopoésía. Audiovisual. Memoria. Colonialidad.

ENTRE IMAGENS, SONS E ESCRITAS DA MEMÓRIA

As imagens e sons estão cada vez mais presentes no dia a dia das pessoas e fazem parte de como construímos e percebemos a realidade cotidiana. A presença das imagens nas mais variadas e corriqueiras situações do dia a dia perpassam continuamente as práticas e relações sociais e culturais nas diferentes telas com as quais lidamos. A partir destas visualidades, há um potencial para a ampliação de processos de interação e comunicação que vêm mudando culturalmente os padrões de comportamento, de relacionamento e de valores (RAMOS e ROSSATO, 2017). Desta forma, as imagens participam da construção de múltiplos sentidos diários na vida em sociedade.

No âmbito das tecnologias digitais, o audiovisual caracteriza-se como uma dessas formas de perceber e construir mundos por meio das imagens e sons. A facilidade de acesso a câmeras no mundo contemporâneo, seja por meio de equipamentos profissionais ou celulares, possibilita que diversos pontos de vista sejam criados pelos mais diversos grupos sociais, inclusive como forma de resistência a favor de suas realidades, como é o caso dos povos indígenas. O cinema e o audiovisual têm se tornado um importante aparato para essas pessoas, que utilizam das imagens e sons como forma de autodeterminação, luta, cura, memória e tantas outras possibilidades cosmológicas. Inclusive, uma das formas de contribuir com a luta dos povos indígenas é não só ouvi-los, mas eternizar seus saberes por meio do audiovisual.

Por isso, ao obtermos um encontro com a cacica Eronilde de Souza Fermin, do povo Kambeba⁴, na cidade de São Paulo de Olivença, no Amazonas, foi possível realizar uma gravação audiovisual⁵ na qual a cacica conta sua trajetória e a luta de seu povo pelos próprios direitos. Suas palavras são carregadas de uma força particular que emana a partir de suas cosmologias e saberes tão singulares e importantes. Isso tornou possível a escrita deste estudo, que possibilita eternizar as falas da cacica através da transcrição de seus saberes, porém dialogando também com reflexões acerca da potência que o audiovisual pode ter para produzir memórias, conhecimentos, significações e novos modos de viver, sentir e pensar o mundo, a vida, o outro e a nós mesmos(as).

EU SOU CACICA DO POVO KAMBEBA...

Eu me chamo Eronilde de Souza Fermin na língua portuguesa, eu sou cacica geral do povo Kambeba, do movimento Kambeba organizado no Alto Solimões e também da Federação do Amazonas. Na nossa língua nativa o meu nome é *Kwema* que significa "bom dia", que é o pássaro do dia, o Aquariquema. Então, há mais de 35 anos eu sou liderança desse povo e a forma que eu fui nomeada foi na forma tradicional, de acordo com a nossa cultura ancestral. Recebi o cargo da minha mãe porque na nossa cultura Omágua, dos Kambeba, não é por eleição, é tradição, é herdada de pai, de mãe para filha e assim sucessivamente. Então, quando eu tinha 16 anos, dentro do nosso movimento e do nosso grupo familiar, eu era a pessoa que apresentava mais, assim... era rebelde em termos de defesa do povo, então a minha mãe me escolheu.

Nós somos sete irmãos, somos quatro homens e três mulheres. Aí entre eles, ela me escolheu porque eu apresentava, assim, uma pessoa de garra, determinação e não levava muito desaforo pra casa. E então eu, com 16 anos, passei a liderar primeiramente com a ajuda dela, me orientando por detrás de tudo. E aí fui aprendendo as coisas como tinha que ser, nós tínhamos uma grande casa de palha, onde nós fazíamos as nossas reuniões e todos os povos da comunidade Kambeba iam se reconhecer dentro da nossa organização, que era como se fosse o núcleo, uma mãe que abraçava todos e também o povo Kambeba que mora na zona urbana, que é o município São Paulo de Olivença. Ele já foi no passado uma grande aldeia e hoje ele... ele é um município, mas

⁴ Os indígenas Cambeba ou Kambeba ou Omágua, que significa Povos das Águas, habitam o médio rio Solimões, no estado do Amazonas e ocupam as áreas indígenas Indígenas Barreira da Missão, Igarapé Grande, Jaquiri e Kokama.

⁵ Disponível em: www.youtube.com/tvlepete. Acesso em 25 de julho de 2023.

o povo continua morando aqui dentro. Então esse povo também se reconheceu dentro da nossa organização, a qual eu comando como cacique geral. Então desde 16 anos eu venho trabalhando em prol desse povo (ERONILDE KAMBEBA, 2023).

O encontro com a Cacica Erika (figura 1) foi marcado por um intenso movimento de empatia, emoções, solidariedade e delicadeza. Chegamos em sua casa, na Comunidade Kambeba Santa Terezinha, no município de São Paulo de Olivença, em uma tarde de fevereiro de 2022. Foi um encontro alegre e cheio de expectativas quanto aos rumos de nossa conversa. Era preciso encontrar uma forma de dialogar sem que representasse um roteiro de entrevista jornalística, mas uma conversa sobre ser mulher indígena com posto de cacica, filha, mãe, avó e cientista. Quais os desafios? Sonhos? Desejos? Como conviver lutando dentro de um sistema heteropatriarcal, racista, violento, opressor, repressor e machista?



Figura 1. Frame do documentário *Cacica Eronilde Kambeba – Mulheres cientistas na pandemia no Amazonas*.

Fonte: Autoria própria, 2023.

Uma câmera entre duas mulheres. Um roteiro imagético. Uma vontade de apenas seguir o que o coração quer falar sobre o que *sentimospensamos*, e sobre o que queremos que os outros saibam ou precisam saber. Há silêncios nessas escolhas. São escolhas corpóreas. E os silêncios também são um refúgio de nossas palavras. Escrever sobre esse encontro é um processo de tradução, um esboço da vida e dos nossos corpos. Escrever a vida é também uma forma de luta: nos expõe a uma realidade profunda e radical. Exige escavar nossas camadas anteriores até chegar nas profundezas de nossas memórias.

VIDEOETNOPOESIA: POR UMA ARQUEOLOGIA DE SI

Vídeoetnopoesia é termo oriundo do conceito de *etnopoesia* proposto por Hübert Fitch (1981), que significa um modo de fazer uma antropologia poética, aproximando a linguagem científica da linguagem poética, da existência, que rompe com a neutralidade e a assimetria entre os saberes. Nesse caso, a escrita videográfica é um experimento em que descobrimos os outros em nós mesmos. Uma forma de nos apossarmos da vida. A narrativa vídeoetnopoética representa, então, um trabalho de compreensibilidade, uma espécie de arqueologia de si, pelo outro e por nós mesmos, em nossas existências marginais, polifônicas e periféricas.

Fazer pesquisa com audiovisuais tem implicações: tem corpo, sons, imagens, desejos e intencionalidades. A câmera deixa de ser um mero objeto de gravação e passa a demarcar uma função agenciadora, conforme a noção de *agência* proposta por Tim Ingold (2000), que se caracteriza como um sujeito existente no mundo, ou seja, como uma forma de estar no mundo. A câmera, então, não é mais um objeto inanimado presente no espaço, pois possui potencial para estar no mundo juntamente com as pessoas filmadas e as pessoas que filmam. Deste modo, ao realizar a filmagem com a cacica, sabemos o que queremos com a câmera e o que temos a dizer. Há modos de endereçamento nisso (ELLSWORTH, 2001). Foi realizada apenas uma pergunta: como está sua luta em torno dos direitos de seu povo?

Em 2009 que as coisas começam mais fortemente, o meu trabalho sério mesmo em defesa do povo, de conquista, que antes o nosso povo não tinha direito em nada nos órgãos, os direitos indígenas, nós não tinha direito à educação, à saúde, nos direitos sociais. Então foi uma luta muito árdua para reconhecer o nosso território na nossa terra, como uma terra indígena Kambeba. Hoje a terra está reconhecida no processo de demarcação, ela não está demarcada, mas eu acredito que com a nossa luta vai chegar lá.

Então, diante essa minha rebeldia de luta na defesa do povo, eu fui adquirindo alguns inimigos da região, né? Políticos e grileiros, pessoas que não querem que o povo indígena trabalhe, que tenha a sua terra, que tenha os seus direitos. Eles querem que o povo indígena desapareça para eles tomarem a sua terra, os seus direitos, se apossar daquilo que é nosso. Então eu, como uma mulher rebelde que já nasci assim na defesa do povo Kambeba, eu não aceitava certas coisas que essas pessoas vinham colocar para nós.

Eles colocavam uma determinada situação e eu dizia que não, porque como eu estudei bastante lei, também me qualifiquei. Esse meu estudo que eu estudei, não foi para mim, foi pra defender, meu povo. Então eu formada, não tinha como eu aceitar, sabendo que ele estava falando aquilo que não era uma verdade, eu não tinha como eu aceitar aquilo. Então eu batia de frente com os políticos, batia de frente com os órgãos na defesa do direito do meu povo. Não era por mim, mas sim por uma coletividade que eu estava lutando. E aí aquilo não agradou muito eles durante esse meu tempo de trabalho. Quando chegou em 2018, que foi o tempo que o presidente Bolsonaro assumiu as coisas, aqui no interior do Amazonas se agravou muito mais. Eles pegaram, fizeram tudo o que podiam fazer de ruim eles fizeram, então o que eles fizeram? Montaram um grupo, botaram pessoas nos órgãos para nos representar e deixaram, calaram a nossa voz. Você não participa de reunião, a verdadeira liderança não é convidada e só vai quem eles acham que concorda com eles, na Funai também. Nessa então, fizeram muita coisa ruim. E aí? E eu sempre batendo de frente, batendo de frente com esses meus inimigo, tanto político como dos órgão, sabendo que eu era uma pessoa que não aceitava certas coisas que eles colocavam de ruim em cima do povo, que eu ia bater de frente, eu ia lutar para desmascarar a mentira e falar a verdade.

E eles começaram então a tirar, como eu posso dizer? Eles começaram me desqualificar como liderança, tirar minha autonomia de liderança, mas não meu povo Kambeba nem o nosso grupo, foi os políticos que inventaram um grupo e pegaram uma parte de uma pessoa que a gente nem conhece quem é, alguns indígenas pelo meio de outras etnias e falaram assim “agora vocês, vocês vão lá, pegue esse dinheiro, vocês estão sendo pagos para montar uma associação Kambeba e bater de frente com a Eronilde pra tirar dela o cacicado, fazer uma assembleia e dizer que ela perdeu nessa eleição na assembleia”.

[...]

E eu fui ameaçada de morte, mas só que no tempo do Bolsonaro a questão dos direitos humanos nem funcionava, então era eu por nós mesmos, né? E aí ele... aí eu fiz uma grade aqui que era para me proteger mais um pouco. E aí eles vieram aqui, esse grupo, esse homem que eu briguei junto com um grupo de peruanos, que nessa região nossa é muito presente, você encontra peruanos nessa região porque é uma área de fronteira, se eles são indígenas ninguém está tirando essa identidade, mas é lá no Peru e lá na Colômbia, não é aqui no Brasil, aqui no Brasil nós somos brasileiros, nós temos nossa identidade, né? Aí montaram aquele cenário, aquele circo de palhaço, aí começaram e aí iam tocar fogo na minha casa, sendo que eu tenho criança pequena aqui na minha casa, pela cultura Kambeba mora as minhas filhas com os filhos dela, é uma grande família, cada um já tem mais de três famílias na minha casa, da minha filha com o filho dela tem os meus netos, eu tenho meus filhos, então, assim, a gente mora tudo junto e eles não respeitaram. Eles vinham aqui na frente das crianças, falar que eu não prestava, que eles iam me matar, que eles iam tocar fogo e falaram muita coisa ruim e aquilo foi acumulando. Aí eu comecei

registrar os B.O.⁶ na delegacia local, não foi um, não foi dois, não foi três, nem foi quatro, foi vinte, trinta, quarenta B.O.

Mas o delegado também, que era bolsonarista, ele só fazia ouvir. E parece que ele queria promover a briga mesmo, o ódio entre nós e não fazia nada. E quando eu ia lá, ele dizia “você de novo? Eu nem quero escutar tua história”. Assim, eu era muito... Eu chorei um dia. E olha que eu não sou de chorar, mas chorei de raiva porque eu queria uma solução e não tinha, não tinha solução. E aí então a diretoria da Oca, sempre comigo presente [...], a gente ia lá registrar B.O. Aí depois, por essa liderança me defender, eles já estavam apanhando também deles por causa disso, puxavam cabelo, rasgavam documento. Porque aqui é a nossa organização, ela funciona assim: quando vem uma pessoa em busca de um benefício, para a gente não mandar a pessoa sem nada para os órgãos, a gente faz uma carta explicando que reconhece aquela pessoa como membro do nosso povo e ele pega aquele papel junto com o documento pessoal dele e vai lá buscar o direito dele. É uma forma de se organizar, bem organizado. Aí o que eles faziam? Tomavam na rua esses papel das pessoas e rasgavam, que minha assinatura não valia nada, que eu não era nada, mas o meu povo não tinha me tirado e nem minha tradição continuava ali, firme e forte e viva. Por que um bandido que eu nem conheço estava tirando minha... minha liderança, minha autonomia? Mas eu sabia que tudo isso era politicamente, os politiquinhos da região que não gostavam de mim, que estão fazendo tudo aquilo.

Então, aí começou aí. Eu não podia sair na rua, ele queria uma forma de me botar prisioneira dentro do meu lar e eles ficarem na rua, espalhando, dizendo “nós somos agora lideranças, nós que comandam isso”. Criaram uma associação falsa, aí começaram a espalhar para o povo que eu não era nada. Muita gente me perguntando, mas os Kambeba legítimo, que conhece a tradição, sabia que a tradição é herdada de mãe para filho, de pai para filho, de geração para geração, não era por eleição. Cacicado geral é assim, é uma tradição que se vem trazendo desde grande aparia dos Solimões, que são nossos primeiros ancestrais do século XVI.

Então, aí todo mundo que sabia a cultura dizia “mas não é porque ela não pode sair, só que quando ela sair vai ser o filho dela”. Só que esse sujeito amaldiçoado que os políticos lutaram para me afrontar, ele não é meu primo, ele não é meu parente, ele não é meu filho, ele não é nada para mim, ele é uma pessoa estranha, ele é de uma outra etnia. Dizem por alto que ele é um Tikuna, mas a gente não sabe o que realmente ele é, porque na Funai tem vários documentos lá, que tem várias identidades, então a gente não sabe o que ele é.

Então é muita coisa ruim que aconteceu e aquilo foi se acumulando, aquela coisa assim de ele me perseguir. Quando eu saía na rua, ele já vinha querendo me botar pra dentro para ser prisioneira na minha própria casa, pra mim não sair na rua, pra mim não dizer a verdade pro povo, ele queria estar lá falando

⁶ Por B.O., a cacica referiu-se à abreviação de “boletim de ocorrência”.

a mentira, se caso eu saísse para ir falar a verdade, aí o povo ia saber que ele estava mentindo, então ele queria me fazer prisioneira na minha própria casa. Aí ele vinha pra querer me ameaçar, querer me bater na rua e quem estivesse comigo também era ameaçado, também sofria. Muitas mulheres do meu grupo sofreram igualmente e a nossa presidente, a nossa conselheira, todo mundo sofreu ameaça dele e nós registrando B.O., e nós registrando B.O., e a justiça não fazia nada. E eu dizia para elas e para minhas lideranças “por mais que ele não fazer nada, mas bora registrar B.O. para nós ter a prova no dia que esse maldito sair daí”. E então nós já registramos e registramos e registramos.

Aí quando nós fizemos um pedido de uma cesta básica com a Fundação Estadual do Índio, era mil e poucas cestas básicas. Quando chegou a cesta básica, ele foi mentir lá na fundação que ele era o cacique geral. Entregaram para ele setecentas cesta básica, então ele ficou com a cesta básica, ele vendeu a cesta básica, vendeu pro garimpo a cesta básica, vendeu pros peruano, que tem loja também. E aí não distribuiu pro verdadeiro povo que merecia receber essa cesta. Aí eu registrei um B.O. novamente contra isso, fiz um monte de coisa, mas ninguém não resolvia nada. Foi pressionado um defensor público lá de Brasília, que se chamava Ronaldo. Só que ele também não resolveu nada para mim, só dizia que era disputa entre eu e o cara lá. Só que eu não estava disputando nada com o cara e aquilo me revoltava grandemente e já ia para dois, três anos, aquilo não acabava. E aí, então o que é que eu fiz? Eu digo hoje, foi dia 31 de dezembro de 2021, eu já estava assim, tudo ou nada, aí eu peguei, eu falei com a minha família e disse “ou eu vou voltar vitoriosa ou eu vou voltar morta e vocês me enterra e uma da minha família vai assumir”. Aí, como eu já tenho minha sucessora escolhida, que é a minha caçula também, que é... ela é mais presente do que eu. Ela é muito rebelde nesse termo bom de defesa, né? E aí eu vesti uma roupa adequada porque eu pensei assim “se eu for com uma roupa frouxa, com puxado o peito vai aparecer e vai acontecer muita coisa”. Eu peguei uma roupa bem apertada de física e de ginástica, bem presa, aí joguei o meu blusão por cima e fui nessa praça, a praça pública.

Aí quando chegou lá e eu cheguei na praça, era na passagem do ano de 2021 para 2022. Aí estava lotado de gente, gente, gente. Quando eu cheguei lá, a moça que foi comigo, outra liderança, ela me cutucou e disse “olha ele atrás da tua costa, ele tá fazendo menção de arma pra ti, tá fazendo menção de arma e gesto de arma pra ti”. Aí eu olhei pra trás assim, ele estava fazendo gesto de arma assim para mim, que ele ia me matar ou que ele ia me pegar, ou que ele ia me bater. Só sei que estava fazendo esse gesto. Aí quando ele nem fechou a mão, eu já tava com aquilo já ultrapassado dentro de mim. Quando ele abaixou a mão, eu estava do lado dele que nem uma sombra, né? Aí eu falei “repete o que tu fez?” Aí ele disse “eu vou te pegar mesmo”, “então pega”, eu dei uma mãozada na cara dele. Ele sentou. Quando ele sentou, eu larguei o murro na cara. Aí eu bati nele, bati, bati, arranquei, rasguei orelha, que o sangue desceu, o sangue desceu, ele ficou tomado. “Olha, vocês estão vendo o que ela fez comigo?”, aí eu peguei aquele dentão que tava na orelha dele. Aquilo era como se fosse um troféu, porque na nossa cultura Kambeba, quando o inimigo invade nosso território no passado, se você ler o povo

Carvajal, até mesmo o Samuel, o político que foi um dos que estudou sobre a nossa região....

Quando a terra Kambeba era invadida, eles cortavam a cabeça do inimigo e botavam uma estaca na frente da morada para dizer que este território tem dono. Então, como eu não posso mais cortar a cabeça, mas vou arrancar sua orelha, de dentro da sua orelha para você saber respeitar que essa terra aqui tem dono e que tem uma liderança que não nasceu ontem nem hoje e que não está com um dia, nem dois dias, mas tá com 35 anos de luta dentro desse movimento, só de reconhecimento registrado, fora o que a gente já vem desde criança sofrendo ali, então ele pegou uma surra de mim nesse dia, né? Daí saiu, foi embora. No outro dia teve a cara de pau de registrar um B.O. contra mim e aí eu estou hoje processada por ele. Mas eu não tenho medo não porque quando eu sentar na frente do juiz eu vou dizer tudo isso que eu estou dizendo aqui, muito mais na frente do juiz. Porque se essa autoridade fosse competente pra eles resolver um caso, quando uma mulher registra um B.O. isso não tinha chegado ao extremo, né? Porque eu acredito, quando a gente é uma autoridade, a gente dá solução, quase que eles estão jogando assim para um confronto mesmo, de vida ou morte ali.

Então foi isso que aconteceu e essa é a minha história aqui no Alto Solimões e eu continuo firme e forte e eu acredito que agora, daqui para frente, as coisas vai melhorar (ERONILDE KAMBEBA, 2023).

A narrativa da cacica Eronilde nos mostra a permanência histórica das lutas dos povos indígenas em torno de suas terras, suas culturas e suas identidades. Mostra que o processo colonizador na Amazônia continua atuando de forma perversa e destruidora dos corpos e das almas desses povos. Isso significa que os povos indígenas, ainda que não estejam sob uma administração colonial, vivem um constante processo de colonialidade. Segundo Aníbal Quijano,

a colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão global do poder capitalista. Baseia-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população mundial como pedra angular desse padrão de poder, e opera em cada um dos planos, esferas e dimensões, materiais e subjetivas, da existência cotidiana e na escala social (QUIJANO, 2007, p. 285).

O autor afirma, ainda, que este processo inicia-se no colonialismo e se estende até os dias atuais como consequência, isto é, como colonialidade (Id., 2007). Esse padrão de dominação imposto aos povos indígenas tem levado à constantes invasões de suas terras, conforme relatado pela cacica Eronilde, e a não resolução dessas situações por parte do governo, o que faz com que muitos indígenas tentem fazer justiça com as próprias mãos. Além disso, a pandemia da Covid-

19 tornou explícita o projeto de destruição dos colonizadores contemporâneos, homens da mineração do ouro e do agronegócio e impôs aos povos indígenas novas formas de lutas e de reafirmação identitárias.

O uso dos termos “inimigos” e “calaram nossa voz” pela cacica mostra bem o que alguns não indígenas representam para o seu povo, que vêm tentando resistir e lutar contra esse “fim de mundo” que vivenciam há décadas. A luta de Eronilde, que é de toda uma vida, demonstra como os povos indígenas vivem sob condições de ameaças extremas. São ameaças que incidem sobre seus corpos, ancestralidade, cosmologias, territórios e modos de viver. Desta forma, referimo-nos aqui para além do imaginário no sentido prático e real de destruição e matança dos povos originários em todos os cantos do país. Entretanto, frente a essas questões há um enorme movimento indígena que se destaca pela luta para tentar garantir seus próprios direitos básicos de existência, que é onde a cacica Eronilde se encaixa.

FOI ISSO QUE ACONTECEU E ESSA É MINHA HISTÓRIA...

A cacica é uma importante liderança à frente do seu povo e o seu relato demonstra apenas um lapso temporal de uma vivência em que foi possível escutar suas experiências na defesa do povo Kambeba. Entretanto, é um relato potente que passou a existir a partir da filmagem que caracterizamos como uma videoetnopoesia, uma vez que a captação imagético-sonora de sua fala é como uma etnografia videográfica, pois há um registro audiovisual acerca de seus saberes cosmológicos indígenas. Além disso, sua importante narrativa provém de sua existência, vivências e experiências enquanto cacica Kambeba. Desta forma, ao dialogarmos com a noção de etnopoesia proposta por Fitch (1981) enquanto uma antropologia poética que situa a linguagem poética da existência, percebe-se como o relato audiovisual de Eronilde aproxima-se do que chamamos de videoetnopoesia, pois, acima de tudo, seu relato permite sua existência e resistência.

No entanto, o registro audiovisual, ao eternizar sua imagem e suas falas, faz com que não só a cacica, mas todo o povo Kambeba reexista através das imagens. É uma existência que se

converte em reexistência por meio das imagens e sons e que permite a afirmação de si e da vida. Adolfo Albán (2013, p. 455) chama de reexistência os dispositivos que são criados e desenvolvidos para inventar a vida cotidianamente e, assim, reinventar as diversas formas dos modos de viver e existir para confrontar os padrões hegemônicos e de colonialidade. Queremos dizer com isso que o audiovisual possibilita, neste caso, uma existência Kambeba através das imagens e sons, não só como forma de eternizar as experiências e saberes, mas também como forma de resistir contra a colonialidade dos dias atuais. É o que apontam Catarina Andrade e Álvaro Alves (2020, p. 89) “daí que re-existir significaria devolver nossa capacidade de dispor da vida e de nossos devires, satisfazendo um sentimento de resistência contra as forças que os alienam”. É também um movimento de insurgência e resistência frente as ações do colonialismos, e nessa experiência fílmica, uma práxis da decolonialidade (WALSH, 2013).

Além disso, essa possibilidade de reexistência traz um importante demarcador desta videoetnopoesia: a memória. Isso porque, ao relatar suas vivências e experiências para a câmera, a cacica, além de perpetuar uma prática ancestral entre os povos indígenas – a oralidade – marca nas imagens e sons uma parte de sua memória e da memória de seu povo, uma vez que o registro audiovisual, quando bem preservado, é capaz de eternizar a experiência filmada. Característica esta de fundamental importância, já que os povos indígenas vêm sofrendo processos de apagamento ao longo de séculos. Portanto, a videoetnopoesia de Eronilde parece transcender este aspecto, agora eternizada também neste trabalho.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Catarina Amorim de Oliveira; ALVES, Álvaro Renan José de Brito. **O cinema como cosmopoética do pensamento decolonial**. Revista Logos, v. 27, n. 3, p. 80-96, 2020.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos: nos rastros dos sujeitos**. São Paulo: Autêntica: 2021.

FITCHE, Hubert. **Etnopoesia. Antropologia poética das religiões afro-americanas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays in livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.

Mulheres Cientistas na Pandemia no Amazonas. Direção: Eglê Wanzeler, Helione Meireles e Pedro Gonçalves. Manaus: 2023. (46 minutos).

QUIJANO, Anibal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (Orgs.). **El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre, Universidad Central, IESCO, Universidad Javeriana, Instituto Pensar Siglo del Hombre, 2007. p. 285-327.

RAMOS, Wilsa Maria; ROSSATO, Maristela. **Democratização do acesso ao conhecimento e os desafios da reconfiguração social para estudantes e docentes**. Revista Eletrônica de Educação, v. 11, n. 3, p. 1034-1048, 2017.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. 1ª ed. Quito: Abya Yala, 2013.

Agradecimentos

Agradecemos a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pelo financiamento desta pesquisa.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.